

DÍVIDA
Externa

Mailson admite a moratória

Se não houver acordo com o FMI, País pode suspender o pagamento dos juros

O ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, reafirmou a disposição de suspender o pagamento dos juros da dívida externa para preservar um "nível adequado" de reservas cambiais", se não houver, nos próximos meses, um entendimento com o Fundo Monetário Internacional (FMI) nem perspectivas de obtenção de novos recursos do Exterior. O presidente da República, disse o ministro, formulou "recomendação expressa" nesse sentido. Mesmo sem essa recomendação, a suspensão do pagamento será indispensável no caso de uma redução das reservas abaixo de certo limite.

A crise cambial, disse o ministro no programa **Vamos Sair da Crise**, da **TV Gazeta**, é a última etapa no caminho da hiperinflação. Foi assim na Argentina. A liquidação quase total das reservas corou a dolarização final da economia, precipitando a desmoralização completa da moeda nacional e a explosão descontrolada dos preços. No Brasil, a dolarização ainda é limitada e a posição das reservas, embora apertada, ainda não é crítica. A recente aceleração dos reajustes cambiais pode contribuir para reanimar as exportações e para fortalecer a disponibilidade de dólares do Banco Central, mas o aporte de novos recursos — do FMI, do Banco Mundial, do Fundo Nakasone e dos bancos privados — ainda será muito importante para a normalidade das contas externas brasileiras.

Não se trata, disse Mailson,

de buscar confrontação com os credores, mas simplesmente de utilizar, se for o caso, um procedimento reconhecido como legítimo pelo FMI. O governo venezuelano, lembrou Mailson, suspendeu o pagamento dos juros e em seguida conseguiu assinar um acordo com o Fundo. A situação venezuelana enquadrava-se perfeitamente nos estatutos do FMI, que prevêem a suspensão dos desembolsos em caso de posição cambial insegura.

O Brasil, acrescentou o ministro da Fazenda, é um dos poucos países latino-americanos ainda empenhados em pagar os juros regularmente. De um ou de outro modo, vários outros — como Argentina, Peru, Equador, Bolívia e Venezuela — já suspenderam suas remessas para evitar uma crise cambial de maior proporção.